

Cadernos Teologia Pública

O Deus vivo em perspectiva cósmica

Elizabeth A. Johnson

ano VII - número 51 - 2010

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS




UNISINOS
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

O Deus vivo em perspectiva cósmica

Elizabeth A. Johnson

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano VII – Nº 51 – 2010

ISSN 1807-0590

Responsável técnica

Cleusa Maria Andreatta

Revisão

Vanessa Alves

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Prof. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Prof. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Prof. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Prof. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Prof. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

O Deus vivo em perspectiva cósmica

Elizabeth A. Johnson

No início deste terceiro milênio, uma nova consciência da magnificência e singularidade da Terra como planeta que hospeda uma só comunidade entrelaçada de vida está crescendo entre todos os povos. Vimos a imagem de nosso planeta do espaço, uma bolita azul em torno da qual redemoinham nuvens brancas, o único ponto de vida em um vasto mar de espaço. Ouvimos também a nova história do universo, do desdobramento dinâmico de tudo que existe. O consenso científico atual sustenta que nosso universo se originou há mais ou menos 13,7 bilhões de anos, em uma explosão primordial chamada, um tanto deselegantemente, de *Big Bang*. Desde aquele instante até o dia de hoje, o universo continua a se expandir. Em um canto de uma galáxia, nosso próprio sistema solar se formou há aproximadamente 5 bilhões de

anos, aglutinando-se sob a atração da gravidade a partir do entulho deixado por estrelas antigas que explodiram. Em um planeta, a Terra, a vida teve início há cerca de 3,5 bilhões de anos em comunidades de criaturas unicelulares no fundo dos mares. A vida então evoluiu de criaturas unicelulares para criaturas multicelulares; do mar para a terra e o ar; da vida vegetal para a vida animal; e, muito recentemente, de primatas para seres humanos, para nós, mamíferos, cujos cérebros apresentam uma textura tão rica que experimentamos a consciência autorreflexiva e a liberdade ou, em termos filosóficos clássicos, a mente e a vontade.

Esta história contemporânea do universo nos ensina coisas surpreendentes.

- ▶ O universo é insondavelmente **velho**. Nós humanos só chegamos recentemente. Carl Sagan usou memoravelmente o calendário de um só ano da Terra para dramatizar o calendário cósmico. Se o *Big Bang* aconteceu em 1º de janeiro, então nosso sol e planetas passaram a existir em 9 de setembro; a vida sobre a Terra se originou em 25 de setembro; e os primeiros seres humanos entraram em cena em 31 de dezembro, às 22h30min¹. Colocando este calendário em um movimento físico gráfico, o Museu Americano de História Natural em Nova Iorque contém uma caminhada cósmica em espiral. Começando no topo com o *Big Bang*, cada passo de tamanho normal que se desce na espiral cobre milhões de anos. Na parte inferior, passa-se sobre toda a história humana em uma linha tão fina quanto um cabelo humano.
- ▶ O universo observável é incompreensivelmente **grande**. Há mais de 100 bilhões de galáxias, cada qual composta de bilhões de estrelas, e ninguém sabe de quantas luas e planetas; toda essa matéria visível e audível é apenas uma fração da matéria e energia do universo. A Terra é um pequeno planeta orbitando em torno de uma estrela de tamanho médio perto da borda de uma galáxia espiral.
- ▶ O universo é profundamente **dinâmico**. Do *Big Bang*, surgiram as galáxias de estrelas; da poeira estelar, a Terra; das moléculas da Terra, criaturas vivas unicelulares; da vida e morte evolutiva destas criaturas, uma maré progressiva de vida, frágil, mas imparável, até a profusão de milhões de espécies que existem hoje; e de um só ramo deste arbusto da vida, os seres humanos que são a Terra tomada consciente de si mesma. A consciência é o florescimento em nós de energias profundamente cósmicas. Em termos religiosos, isso nos coloca, nas belas palavras de Abraham Heschel, na posição de cantores do universo, capazes de cantar louvor e ação de graças ao Criador em nome de tudo.
- ▶ O universo está complexamente **interconectado**. Tudo se conecta com tudo mais; nada concebível está isolado. Olhando para as origens humanas, o cientista/teólogo britânico Arthur

¹ SAGAN, Carl. *Dragons of Eden*. New York: Random House, 1977. p. 13-17. Uma exposição de leitura eminentemente agradável da história do cosmo é o livro do mesmo autor intitulado *Cosmos*. New York: Ballantine Books, 1980.

Peacocke observa quão estreitamente a vida na Terra está entrelaçada com a natureza física do universo: “Somos poeira estelar, pois cada átomo de carbono em nossos corpos, cada átomo de ferro na hemoglobina de nosso sangue foi feito nas estrelas e espalhado por explosões de supernovas antes de a Terra existir como planeta”². Formados bilhões de anos atrás, estes átomos acabaram se condensando para formar o carbono e o ferro na crosta do planeta do qual emergiu toda a vida terrestre, incluindo os seres humanos. A história subsequente da evolução torna evidente também que os seres humanos compartilham com todas as outras criaturas vivas em nosso planeta uma ascendência genética comum. Bactérias, pinheiros, amoras, cavalos, as grandes baleias cinzentas – todos/as somos parentes genéticos na grande comunidade da vida que emergiu dos mares antigos. Além disso, viver no presente momento nos envolve em um intercâmbio contínuo de material com a Terra e

outras criaturas vivas. Cada vez que respiramos, inalamos milhões de átomos respirados pelo resto da humanidade nas últimas duas semanas. Em nossos corpos, 7% das moléculas de proteína são decompostas cada dia e têm de ser repostas a partir da matéria da Terra (alimento) e energia do sol. Sete por cento diários é a medida estatística de nossa interdependência. Em vista da reciclagem constante do corpo humano, a epiderme de nossa pele funciona não tanto como uma casca ou uma parede, mas como a superfície de um lago, um lugar de intercâmbio.

É possível para a teologia cristã apagar o mundo natural, concentrando a atenção tão estreitamente nos seres humanos, em nossa pecaminosidade e necessidade de redenção, que ignoramos toda a comunidade de vida com a qual compartilhamos este planeta. A doutrina cristã tendeu a fazer isso durante séculos, especialmente desde a Reforma³. Mas contar a história da criação à luz da cosmologia contemporânea leva à percepção de que a

² PEACOCK, Arthur. *Paths from Science towards God*. Oxford, England: Oneworld Pub., 2002. p. 71.

³ JOHNSON, Elizabeth. Losing and Finding Creation in the Christian Tradition. In: HESSEL, Dieter; RUETHER, Rosemary Radford (eds.). *Christianity and Ecology*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2000. p. 3-21. Esta série de 10 volumes apresenta grande quantidade de percepções sobre a ecologia proveniente das religiões do mundo, incluindo, entre outras, o judaísmo, islã, hinduísmo, budismo, taoísmo.

Terra não é simplesmente um palco para nosso drama humano. Pelo contrário, ela é uma criatura maravilhosa por direito próprio, ainda evoluindo, da qual nós seres humanos somos uma parte. Ela é amada por Deus por si mesma. Por isso, ela tem mais do que só um valor instrumental para nosso uso; tem seu próprio valor intrínseco. É um sinal de esperança que as pessoas cristãs, em nível oficial, local e pessoal, estejam começando a levar a sério o mundo da natureza como uma questão de preocupação ética e, em um profundo transbordamento de cuidado ético, como trampolim para uma percepção renovada do Deus vivo.

Ética da Terra

Um universo moral limitado à comunidade humana não serve mais ao futuro da vida. Se a Terra é realmente criação, um sacramento da glória de Deus com seu próprio valor intrínseco, então, para os cristãos, a destruição contínua da Terra apresenta as marcas da profanação, de profunda pecaminosidade. Palavras novas expressam o mal da matança: ecocídio, biocídio, geocídio.

Vários bilhões de anos de labuta criativa e vários milhões de espécies de vida abundante estão agora aos cuidados de uma só espécie retardatária em que emergiram a mente e a moral. Com que direito nos denominamos *Homo sapiens* se destroçamos o imenso investimento que foi feito para produzir a Terra? Na tradição do profetismo bíblico e no espírito de Jesus, o profeta escatológico, a resposta cristã se torna profética e desafiadora, promovendo o cuidado, a proteção e a cura do mundo natural mesmo que estes contrariem poderosos interesses econômicos e políticos – e eles contrariam. A reflexão ética nos faz um apelo para usarmos todas as técnicas de resistência ativa não-violenta para deter a agressão contra o que é vulnerável, seja a espécie mais humilde ou um sistema tão vasto como a camada de ozônio. Um único critério rigoroso tem de medir agora a moralidade de nossas ações: se estas contribuem ou não para uma comunidade sustentável da Terra.

O que apoia esta ética é a exigência desafiadora de descentralizar a atenção dos seres humanos e recentralizar uma vigorosa ponderação moral em toda a comunidade de vida e nos sistemas que sustentam a vida na Terra. Em outras palavras, os cristãos devem amor e jus-

tiça não só à humanidade, mas às outras espécies⁴. Nesta reflexão ética, o grande mandamento de Jesus de amar o próximo como a si mesmo se estende para incluir todos os membros da comunidade de vida. “Quem é meu próximo?” pergunta Brian Patrick. Ele responde: “O samaritano? O marginalizado? O inimigo? Sim, sim, é claro. Mas também é a baleia, o golfinho e a floresta tropical. Nosso próximo é toda a comunidade de vida, o universo inteiro. Temos de amar tudo isso como a nós mesmos”⁵. Se a natureza é o novo pobre, como sustenta Sallie McFague, então nossa preocupação com os pobres e oprimidos se amplia agora para incluir o mundo natural⁶. A ação em favor da justiça tem de se ampliar agora para incluir os seres humanos que sofrem e os sistemas de vida e outras espécies sob ameaça. “Salvem a floresta tropi-

cal” torna-se uma aplicação moral concreta do mandamento “Não matarás”. O objetivo moral é assegurar uma vida vibrante em comunidade para todos.

Isso, por sua vez, requer que examinemos as profundas conexões entre injustiça social e devastação ecológica. A pobreza econômica coincide com a pobreza ecológica, pois os pobres sofrem desproporcionalmente com a destruição ambiental. Os exemplos são muitos⁷. Na América do Sul, a falta de reforma agrária empurra as pessoas esbulhadas do campo para as bordas das terras cultivadas, onde, para sobreviverem, praticam a agricultura de derrubada e queima, destruindo, neste processo, o habitat primitivo, matando animais raros e expulsando povos indígenas. Na América do Norte, empresas estadunidenses exportam trabalho para fábricas (*maquiladoras*)

⁴ COWDIN, Daniel. The Moral Status of Otherkind in Christian Ethics. In: *Christianity and Ecology*. p. 261-90. Um dos melhores panoramas das questões implicadas nessa mudança é a seguinte coletânea de ensaios: BIRCH, Charles; EAKIN, William; MCDANIELS, Jay (eds.). *Liberating Life: Contemporary Approaches to Ecological Theology*. Maryknoll, N.Y.: Orbis, 1990. Quanto à diversidade de métodos éticos, veja SMITH, Pamela. *What Are They Saying about Environmental Ethics?* New York: Paulist Press, 1997.

⁵ Brian Patrick, cit. ap. DOWD, Michael. *Earthspirit: A Handbook for Nurturing an Ecological Christianity*. Mystic, Conn: Twenty: Third Pub., 1991. p. 40.

⁶ MCFAGUE, Sallie. *The Body of God: An Ecological Theology*. Minneapolis: Fortress, 1993. p. 200-201.

⁷ Veja HALLMAN, David (ed.). *Ecotheology: Voices from South and North*. Geneva: WCC Pub., 1994; BOFF, Leonardo; ELIZONDO, Virgil (eds.). *Ecology and Poverty*. Maryknoll, N.Y.: Orbis, 1995. A teologia ecofeminista estabeleceu essa ligação há muito tempo; veja RUETHER, Rosemary Radford (ed.). *Women Healing Earth: Third World Women on Ecology, Feminism, and Religion*. Maryknoll, N.Y.: Orbis, 1996. Uma análise astuta dos efeitos da economia global sobre a natureza e as comunidades de pessoas pobres é feita por COBB, John B. *The Earthist Challenge to Economism*. Basingstoke: Macmillan, 1999.

no outro lado da fronteira mexicana que empregam, à mão-de-obra barata, milhares de jovens mulheres do campo para produzir bens de consumo de alta qualidade para a exportação, enquanto elas vivem em uma pobreza insalubre, num ambiente degradado pelo lixo tóxico. Por sua vez, em nosso país, as pessoas economicamente bem situadas podem escolher viver no meio de hectares de verde, enquanto as pobres vivem perto de fábricas, refinarias ou usinas de reciclagem de lixo que poluem muito o meio ambiente. Isto resulta em deficiências congênitas, problemas de saúde em geral e doenças. A amargura dessa situação é exacerbada pelo preconceito racial na medida em que o racismo ambiental pressiona as pessoas de cor a morar nestes bairros.

Em resumo, a injustiça social tem uma face ecológica. A devastação de pessoas e a devastação da Terra andam juntas. Isto exige a luta por uma ordem social mais justa em parceria com a luta pela integridade ecológica. Todos nós compartilhamos o *status* de criaturas; todos nós somos parentes na comunidade de vida em evolução que agora se encontra sitiada. O objetivo de nossos esforços deve ser estabelecer e proteger ecossistemas saudáveis onde todas as criaturas vivas, incluindo os seres humanos pobres, possam florescer. O objetivo é uma so-

cidade socialmente justa e ambientalmente sustentável em que as necessidades de todas as pessoas sejam satisfeitas, e o meio ambiente natural permaneça saudável até a sétima geração. Em termos religiosos, esta ética está exigindo nada menos do que uma *conversão* de nossas mentes e corações para o bem da Terra. Temos de nos relacionar com a natureza não como dominadores e nem mesmo como mordomos – isto é bom, mas não é suficientemente profundo –, mas em mutualidade como irmãs e irmãos, amigos/as e amantes, mães e pais, sacerdotes e profetas, cocriadores/as e filhos/as da Terra que é a criação amada de Deus à qual nós pertencemos.

Conferências inteiras poderiam ser realizadas, e foram realizadas, sobre a relação entre seres humanos e a Terra e sobre a reimaginação espiritual e ética que isso acarreta. Para a fé, a questão de Deus também está profundamente envolvida. Que perguntas críticas o envolvimento ético com o mundo natural levanta sobre a presença e a ação de Deus no mundo? Que recursos o conhecimento contemporâneo do cosmo poderia oferecer para a percepção do Deus vivo? Uma área importante que está proporcionando percepções novas é o antigo, mas negligenciado campo da pneumatologia. Na fronteira da ciência cósmica e da responsabilidade ecológica,

estamos preparados/as para redescobrir a realidade de Deus Espírito Santo, no qual todas as coisas vivem e se movem e existem (cf. At 17,28).

O Espírito criador no mundo

Pintando um quadro em traços muito amplos, até mesmo simplistas, percebemos hoje que a teologia clássica compreendeu Deus com base no modelo de um monarca no topo da pirâmide do ser.

“Ele” – pois sempre era o ser masculino reinante que era o modelo desta ideia – habitava além do mundo, não contaminado por sua imundície. Dava ordens às quais os seres humanos tinham de obedecer. Mesmo quando se retratava este Ser Supremo com uma atitude benevolente, algo que a melhor teologia fazia, Ele ainda estava essencialmente remoto, governando o universo, embora não fosse afetado por ele de qualquer forma significativa. Deus amava o mundo, mas os seres humanos tinham de se empenhar muito para encontrar seu caminho de volta até “Ele”. A brilhante conquista desta teologia foi estabelecer a transcendência de Deus sem deixar margem a dúvidas. Mas ela tinha menos interesse na imanência divina, na proximidade do incompreensível

Espírito Criador que habitava intimamente nas profundezas do mundo desde o princípio, ao longo de toda a história, até o fim. Assim como a nova cosmologia reconfigura a relação entre os seres humanos e a Terra, ela também leva à reapropriação desta verdade. Permitam que eu seja muito clara. Não estou sugerindo que deveríamos ignorar a transcendência ou acabar com a diferença entre Deus e o mundo. Mas estou sustentando que o mundo impressionante aberto pela cosmologia do *Big Bang* e pela biologia evolutiva aponta para o valor de conceber Deus e se relacionar com Deus não no ápice de uma pirâmide, mas dentro e ao redor do círculo de vida que emerge, luta, vive e morre.

Dentro de um marco trinitário, o Deus uno é tradicionalmente caracterizado como transcendente, encarnado e imanente no mundo. No século 2, o teólogo Tertuliano empregou uma profusão de imagens para explicar isso. Se Deus Pai pode ser comparado ao sol, então Cristo é o raio de sol que vem até a Terra, e o Espírito é a quemadura do sol, o ponto de calor a que o sol chega e sobre o qual tem um efeito. De forma semelhante, a primeira pessoa da Trindade pode ser comparada a uma fonte de água que brota, a segunda pessoa ao rio que flui dela, e a terceira pessoa à valeta de irrigação mediante a qual a água chega às plantas e as faz crescer. O Deus triúno tam-

bém pode ser comparado à raiz, ao broto e à fruta de uma árvore: um fundamento profundo e inalcançável, sua germinação para dentro do mundo e seu poder que produz flor, fragrância, fruto e semente⁸. Todas estas são metáforas para designar o Deus além de nós, que como Deus vem para estar conosco na história, e como Deus de novo tem realmente um efeito dentro do mundo. Neste marco, o Espírito sempre é Deus que efetivamente chega a qualquer momento, aproximando-se e passando com poder doador de vida. O Credo Niceno expressa isso de forma bela quando confessa crer no Espírito Santo “o Senhor e doador da vida”, em latim *vivificantem*, o vivificador. Em resumo, a “pessoa” do Espírito se refere primordialmente ao Deus presente e ativo no mundo⁹.

O que isso significa é que o segredo interior do universo, quando compreendido em um contexto de fé como criação, é a habitação de Deus dentro dele. Deus está em casa aqui, como nós estamos. No final de *Uma breve história do tempo*, Stephen Hawking faz uma per-

gunta famosa: “O que é que inspira fogo nas equações e cria um universo para elas descreverem?”¹⁰ A fé cristã responde que é o Espírito que inspira vida no universo exuberante, diverso e inter-relacionado. O mistério do Deus vivo, totalmente transcendente, também é o poder dinâmico no coração do mundo e de sua evolução. Isto se refere à ação divina não só no início, no *Big Bang*, numa singularidade única, mas inclusive agora, persistentemente, à medida que o universo continua a tomar forma rumo ao futuro. O Espírito Criador é o fluxo incessante e dinâmico do poder amoroso que sustenta o mundo, gera vida, tece conexões entre todas as criaturas e continua renovando a face da Terra. Em vez de estar assentado além da ponta da pirâmide do privilégio, o Espírito divino circunda o universo e habita nele.

Para descrever isso, a Bíblia usa imagens cósmicas cuja ressonância imaginativa é diferente da imagem de Deus como rei, senhor, pai. Ela designa o Espírito como *ruah*/vento que sopra, como fogo que arde, como água

⁸ Estas imagens são sugeridas por TERTULIANO, *Adversus Praxeas*, 8.

⁹ Um maior desenvolvimento teológico é proposto por EDWARDS, Denis. *Breath of Life: A Theology of the Creator Spirit*. Maryknoll, N.Y.: Orbis, 2004; WALLACE, Mark. *The Green Face of God: Recovering the Spirit in an Ecocidal Era*. In: HINZE, Bradford; DABNEY, D. Lyle (eds.). *Advents of the Spirit*. Milwaukee: Marquette University Press, 2001. p. 443-64.

¹⁰ HAWKING, Stephen. *A Brief History of Time*. New York: Bantam Books, 1988. p. 174 [ed. bras.: *Breve história do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1983].

que flui. Nenhum destes elementos tem uma forma definida; eles podem cercar e permear outras coisas sem perder seu caráter próprio; sua presença é conhecida pelas alterações que produzem. Tecnicamente, o termo panenteísmo, que significa que tudo existe EM Deus, que permanece sempre maior, refere-se a este modelo de relação. Embora a adoção amplamente difundida desta compreensão na teologia contemporânea tenha sido denominada de “revolução silenciosa”¹¹, Agostinho descreveu isso há muito tempo em termos memoráveis:

E punha em presença do meu espírito toda a criação, tudo quanto nela podemos ver claramente, como sejam a terra, e o mar, e o ar, e as estrelas, e as árvores, e os seres mortais, e tudo quanto nela não vemos [...] e concebia-te, Senhor, rodeando-a e penetrando-a por todas as partes, mas infinito em todas as direções, tal como se houvesse um mar em toda parte, e um único mar infinito, por todas as partes, através da imensidão, e ele tivesse dentro de si uma esponja tão grande quanto se possa imaginar, mas, no entanto finita, e essa esponja estivesse inteiramente cheia, por todas as partes, desse imenso mar: assim eu julgava tua criação finita, cheia de ti, que

és infinito, e dizia: “Eis aqui Deus e as coisas que Deus criou, e é um Deus bom, e perfeito, e intensíssima e imensissimamente superior a elas [...]”.¹²

O mundo natural da época de Agostinho era estático, estabelecido por Deus de acordo com uma planta existente na mente divina. A presença de Deus que Agostinho imagina dentro dele assume contornos novos em um universo evolutivo. Presente como o mar para a esponja, o Espírito de Deus é energia sumamente radiante e relacional, continuamente criando em e através de processos da natureza, que têm sua própria integridade. Deus é a grande Matriz criadora que fundamenta e sustenta o cosmo e o atrai para o futuro. Ao longo da vasta evolução cósmica e biológica, Deus abarca a raiz material da vida e seu infinito potencial novo, empoderando o processo cósmico a partir de dentro. O universo, por seu turno, é auto-organizador e autotranscendente, energizado desde as galáxias espiralantes até a hélice dupla da molécula de DNA pela dança do poder vivificante de Deus. O resultado desta abordagem é que o mundo natural, em vez de estar separado do que é sagrado, é uma

¹¹ BRIERLEY, Michael. Naming a Quiet Revolution: The Pantheistic Turn in Modern Theology. In: CLAYTON, Philip; PEACOCKE, Arthur (eds.). *In Whom We Live and Move and Have Our Being*. Grand Rapids, Mich: Eerdmans, 2004. p. 1-15.

¹² AUGUSTINE, *Confessions*, VII:7. Trad. E. B. Pusey. Chicago, 1952, p. 45. (Great Books of the Western World, Encyclopedia Britannica, 18). [Tradução para o português extraída da Internet pelo Google].

parte abençoada daquilo que Deus ama. A matéria é portadora da marca do sagrado e tem ela própria uma radiância espiritual. Por isso o mundo natural é sagrado, os corpos são sagrados. Pois o Espírito Criador cria o que é físico – estrelas, planetas, espécies, comunidades ecológicas, corpos, sentidos, sexualidade, paixões – e se move nestes tanto quanto em almas, mentes, ideias. Deus está constantemente se movendo sobre o vazio, inspirando para dentro do caos, derramando, informando, vivificando, aquecendo, libertando, abençoando, dançando em imanência mútua com o mundo. De fato, Deus não está longe de qualquer um/a de nós, pois nele vivemos e nos movemos e existimos, como alguns de nossos poetas dizem agora. Uma teologia ecológica do Espírito de Deus é uma forma pela qual estamos redescobrimo a presença dinâmica de Deus que abarca e permeia o mundo. O universo evolui dentro da vida da comunhão divina.

Aprofundando a doutrina

Acatando esta percepção da presença habitante de Deus como Espírito Criador, a teologia tenta aprofundá-la. Muitas pessoas que descobriram a história do universo acham que a resposta religiosa mais adequada im-

plica voltar-se para formas de espiritualidade da Nova Era. Embora eu respeite sua opção, sugeriria que há recursos tremendos em tradicionais expressões cristãs de arte, arquitetura, liturgia, oração e poesia que podem vincular o espírito humano com o Espírito Criador no mundo natural. Um rico recurso adicional reside na doutrina cristã, que oferece muitas percepções quando interpretada dentro do marco de uma teologia ecológica do Espírito.

- ▶ **criação:** No princípio, quando o Espírito se movia sobre a face do caos, Deus criou os céus e a Terra, e era bom. Em consequência, para a tradição judaica e cristã, a Terra pertence ao Senhor com tudo o que nela existe (Sl 24,1). O céu e a Terra estão cheios da glória de Deus (Is 6,3); não podemos fugir do Espírito de Deus mesmo fugindo para o mais alto céu ou descendo para o mais profundo abismo no mar (Sl 139,7-10). Isto é óbvio: ensinar uma relação acósmica com Deus é desconhecer o Deus da Bíblia.
- ▶ **aliança:** Deus tem uma grande tendência para a aliança: com a Terra, com Abraão e Sara, com o povo de Israel. Nisso vislumbramos o amor divino desejando estar envolvido na história deste planeta, prometendo um futuro. O arco-íris no

céu é um sinal para Noé: “Eis que estabeleço minha aliança convosco e com vossos descendentes depois de vós, e com todos os seres animados que estão convosco: aves, animais, todas as feras, tudo o que saiu da arca convosco, todos os animais da Terra...” (Gn 9,9-11). Estabelecendo constantemente vínculos com a Terra, o Espírito de Deus habita no mundo e continua renovando a face da Terra.

- ▶ **encarnação:** O Espírito de Deus desceu sobre uma jovem na pobre comunidade rural de Nazaré. O Verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14). Isso significa que Deus não se satisfaz mais em estar com a Terra só na palavra, mas, através do poder do Espírito, torna-se um da espécie humana na carne. O material deste planeta, evoluído de estrelas que explodiram, torna-se o corpo do próprio Deus presente na história. A partir de agora, a Sabedoria Sagrada na carne se torna parte da história deste cosmo.
- ▶ **o ministério de Jesus:** O Espírito do Senhor estava sobre ele. Em Nazaré, ele leu no rolo de Isaías como o Servo seria enviado para libertar os oprimidos e evangelizar os pobres (Lc 4,16-19). Os evangelhos estão repletos de cenas físicas em

que Jesus alimenta corpos famintos e impõe as mãos para curar. Seu ensino é temperado com referências aos lírios do campo, aos pássaros do ar, pores de sol, tempestades, ovelhas perdidas, galinhas com pintinhos. Ele pregou uma ética de não violência, repreendendo a cobiça e a exploração dos fracos, mas incentivando respeito e compaixão com todas as criaturas de Deus. Em sua visão, o reino de Deus inclui implicitamente todo o mundo natural bem como os seres humanos marginalizados e sofredores.

- ▶ **cruz:** Jesus pagou a pena por este ministério audacioso. Ele foi morto cruel e injustamente. A conexão cósmica pode ser vista no fato de que, no universo evolutivo, nenhum ser vivo dura para sempre. Não poderia. O que está vivo em um momento morre para dar espaço ao novo que está emergindo. Compartilhando a sorte de todas as outras criaturas, Jesus morreu. O mistério do Espírito Criador compreende também este desgaste da vida até as portas do aniquilamento.
- ▶ **ressurreição:** Pelo poder do Espírito, ele não morreu para dentro do nada, mas para dentro das mãos do Deus vivo que chamava de ‘*abba*’.

O Espírito Criador teve a última palavra, e ela foi idêntica à primeira: Haja vida! A morte agora não impera mais, pois ele é as primícias, o pagamento inicial, o penhor, a garantia, o antegosto de uma colheita que incluirá o restante de nós. A fé pascal confessa que Cristo ressuscitou não só como uma alma glorificada, mas em seu próprio corpo. Karl Rahner o expressou dramaticamente: no Cristo ressuscitado, um pedaço desta terra, real até o cerne, está agora para sempre com Deus na glória: “É claro que ele ainda possui, definitivamente e transfigurado, seu corpo, que é um pedaço da terra, um pedaço que ainda pertence a ela como uma parte de sua realidade e de seu destino.”¹³ Isto tem significação cósmica. O futuro será em escala cósmica o que já aconteceu a ele. A ressurreição representa uma promessa de que a criação material tem um futuro em Deus.

- ▶ **escatologia:** A promessa de um novo céu e de uma nova Terra aponta para o Deus sempre vindouro, o Espírito Criador que ainda é nosso futuro. Naquele dia, Deus enxugará toda lágrima,

e já não existirá morte ou luto, mas tudo ficará repleto de vida nova, transformada. “Eis que eu faço novas todas as coisas” (Ap 21,5).

Repito estas doutrinas cristãs não para nos remeter estreitamente para dentro. Mas porque, em nossa tradição, elas nos contam a importante história de como o Espírito age de forma característica. O Sagrado que desperta a labareda do ser não se contrapõe ao mundo ou o governa de longe como um rei, mas habita, em uma relação vivificante e renovadora, com os seres humanos e o universo inteiro, chamando todos para o futuro. É dessa maneira que temos de pensar e pregar sobre a relação do Espírito Criador com o mundo.

Questões espinhentas

Avançando neste território limítrofe, deparamo-nos com várias questões controvertidas, entre as quais estão as seguintes: a) o problema tradicional do mal no mundo; b) o esforço contemporâneo para repensar a onipotência divina; e c) a problemática da criatividade divina e o futu-

¹³ RAHNER, Karl. Easter: A Faith That Loves the Earth. In: ID. *The Great Church Year*. New York: Crossroad, 2001. p. 195.

ro. Cada uma acrescenta uma dimensão a uma teologia do Espírito Criador que permeia o universo material com vigor gracioso.

A. *Sofrimento*. A história da evolução nos confronta com uma questão inevitável: a dor, o sofrimento, a morte e inclusive a extinção de tantas criaturas. Em uma grande escala, a mudança evolutiva depende da morte. Sem ela, não haveria desenvolvimento de geração para geração. Mesmo no cotidiano, nossa existência corporal implica se alimentar de outras criaturas. Viver da morte de outros está inescapavelmente inserido na vida biológica. Além disso, como seres humanos individuais, só existimos durante um breve momento. Somos frágeis, contingentes e transitórios. Vemos agora que a morte não se deve ao pecado humano, uma ideia baseada na compreensão de uma época anterior a respeito de nossa natureza biológica, escorada por algumas escassas referências bíblicas compreendidas literalmente demais. Pelo contrário, competir pela sobrevivência, pregar e morrer fazem parte do padrão da vida biológica.

Sim, há beleza e harmonia na natureza. Mas o mundo também pode ser implacavelmente cruel e sanguinário. Onde está o Espírito de Deus neste tipo de inevitável violência e morte natural? O velho problema do mal se torna maior à medida que nos confrontamos com a dor que percorre a história da vida. A tentação é negar a morte e a perda e escapar para uma visão romântica da vida natural. Mas temos de encarar isto honestamente.

As pessoas cristãs não têm uma resposta teórica satisfatória para a questão da dor e da morte na natureza. Juntamente com muitas outras pessoas, hoje em dia, penso que o projeto da teodiceia clássica leva a um beco sem saída¹⁴. Mas o que temos a oferecer é o testemunho da morte e ressurreição de Jesus. Aqui o amor divino se revela como compaixão inconcebível. A cruz revela o jeito de ser de Deus que entra na dor do mundo a fim de curar, redimir e libertar. A ressurreição revela que, ao entrar de tal forma nestas profundezas, o Espírito de Deus fundamenta a promessa de vida nova a partir da morte e para além dela. Ampliando esta solidariedade divina com os seres humanos a ponto de incluir todas as criaturas, torna-se concebível dizer que o Espírito sofre junto com cada ser vivo que sofre, desde os dinossauros extin-

¹⁴ TILLEY, Terrence. *The Evils of Theodicy*. Washington DC: Georgetown University Press, 1991.

tos por um asteróide até o filhote de antílope devorado por uma leoa. Como a teologia concebeu em relação aos seres humanos, Deus não sofre por necessidade ou por causa de uma deficiência, mas a partir da liberdade transbordante do amor divino. Esta compreensão não visa a glorificar o sofrimento – uma armadilha que devemos evitar com cuidado. Mas ela elabora uma implicação da relação do Espírito Criador com um mundo evolutivo com um olhar voltado para o significado do amor. Nossa lamentação, nosso clamor, nosso sofrimento dirigido a Deus se encontra com a compaixão divina em meio à dor¹⁵. E ali reside a promessa de que todas as coisas serão acolhidas na vida de Deus. Isto não é uma resposta. É uma tentativa de seguir em frente. É necessário pensar muito mais sobre o tema.

B. *Poder*. É uma crença cristã fundamental que Deus é todo-poderoso, o Criador do céu e da Terra cujo imenso poder e amor criam e sustentam o universo e lhe trazem libertação e plenitude. Que tipo de poder onipotente está em jogo aqui? A doutrina cristã que apresenta a onipotência divina como a capacidade absolutamente incondicional de Deus de fazer toda e qualquer

coisa é uma das razões porque o tradicional problema do mal tem se mostrado tão intelectualmente insolúvel. Em muitas frentes, hoje, a teologia está trabalhando para redefinir a onipotência como o poder do amor. Esta ideia ganha mais aceitação no marco da cosmologia e da teoria evolutiva, que delinea a capacidade interna da natureza de se auto-organizar em formas novas, mais complexas, e vê que isso é feito pelo mecanismo de acontecimentos aleatórios que operam dentro de regularidades semelhantes a leis ao longo do tempo profundo.

O critério principal para uma compreensão plenamente cristã do poder divino é a cruz e ressurreição de Jesus. A cruz revela o poder divino como solidariedade que se autoesvazia e autolimita com a vítima sofredora. A ressurreição revela um Deus que traz vida a partir da derrota e morte. Este evento pascal nos leva a pensar que o poder divino implica generosidade ilimitada, vulnerabilidade incomparável, autolimitação espontânea e capacidade para abrir um novo futuro. A palavra para designar tudo isso é Amor. A onipotência divina atua no mundo como amor. Com demasiada frequência, a teologia cristã en-

¹⁵ WALLACE, Mark. The Wounded Spirit as the Basis for Hope in an Age of Radical Ecology. In: *Christianity and Ecology*. p. 51-72.

tendeu isso de forma equivocada. A pergunta torturante “Por que Deus está fazendo isso comigo?” e a resposta angustiada “É a vontade de Deus” veem Deus como responsável pelo sofrimento e levam a culpar Deus quando as coisas saem erradas. Mas isso é conceber o poder divino nos moldes de monarcas ou potentados humanos absolutos que reivindicam o direito de fazer o que bem querem. O evangelho mostra um outro modelo:

Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que foram chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os seres humanos, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os seres humanos (1Cor 1,22-25).

O Cristo crucificado é a forma do poder divino atuante no mundo. O mesmo modelo se revela no hino cristológico de Filipenses, onde o modelo para a comunidade é Cristo Jesus que não se apegou à sua igualdade com Deus, mas se esvaziou, assumindo a forma de servo (2,6-11). Muitos/as comentaristas pensaram que, neste hino, Paulo tinha em mente a preexistência e estava dizendo que Cristo abriu mão de seu *status* divino. Outros/as entendem que ele está se referindo a existência

terrena de Cristo e veem este texto como contraposição entre a tentativa de Adão de reivindicar autossuficiência e a obediência de Jesus. Em ambos os casos, Paulo está vendo o autoesvaziamento tanto como característica de Cristo quanto como revelador de Deus. E este modelo de amor quenótico, representado no lava-pés de Jesus, deveria moldar a comunidade cristã.

Elaborando uma teologia ecológica do Espírito Criador, a teologia pergunta hoje: não é possível que a *kenosis* divina não tenha ocorrido só uma única vez na cruz, mas seja típica da ação de Deus no mundo desde o princípio? Não é provável que o modelo cristão de amor que se doa determine a presença e ação criadora de Deus para com todas as criaturas e dentro do universo inteiro em evolução? O amor maduro concede autonomia ao amado e respeita isso, enquanto participa da alegria e da dor do destino do outro. Ele se preocupa vigorosamente com o amado, trabalha por ele e o incentiva rumo a seu próprio bem-estar, mas jamais o força. Este tipo de poder-como-amor relacional se ajusta muito melhor com a revelação cristã. O universo todo está fundado no poder de Deus. Este poder não só é infinitamente amoroso, autoderramante, mas, ao mesmo tempo, infinitamente humilde, de modo que atua de uma maneira não-intrusiva, persuasiva, atrativa, conclamando o mundo para um fu-

turo inesgotável. Este poder permite que o universo auto-organizador apareça e atue de acordo com a integridade de suas próprias regras. Isso não é uma negação da onipotência, mas sua redefinição. Isso tampouco nega a transcendência infinita do poder divino, pois ser poderoso desta maneira está além de todas as possibilidades ou imaginação humana. O Espírito de Deus se move no mundo com amor compassivo que respeita a natureza própria e a autonomia de todas as criaturas. Esta autolimitação quenótica em amor na obra da criação concede à natureza sua própria criatividade e aos seres humanos sua própria liberdade, enquanto os acompanha para um novo futuro.

C. *Novidade*. Não é incoerente, teologicamente falando, a ciência destacar como o universo é notavelmente generoso. Desde o *Big Bang*, o universo está semeado de promessa, prenhe de surpresa. Ele se desenvolveu extravagantemente, em um conjunto cada vez mais refinado, em formas sempre mais complexas e belas. A história do universo é uma história de incansável e surpreendente aventura repleta de fecundidade que produz novidade genuína. É especialmente

esta abertura dos fenômenos para o futuro, para a novidade imprevisível, que nos permite situar o mundo natural mais confortavelmente dentro do marco da fé bíblica. Pois esta fé sempre se defronta com um Deus que chama os seres humanos para um futuro prometido, mas desconhecido, e orienta o mundo para um futuro escatológico¹⁶.

Os mecanismos de produção de novidade por parte do universo inspiram admiração. Uma descoberta fascinante da ciência é que o desenvolvimento do mundo não aconteceu segundo um plano, uma trajetória ou um desenho predeterminado. Se zerasse o relógio da criação e o deixasse funcionar, o resultado seria imensamente diferente. É assim porque acontecimentos contingentes e fortuitos operando dentro de regularidades semelhantes a leis ao longo do tempo profundo criaram a forma do mundo que habitamos hoje. O universo gera o novo explorando possibilidades que se oferecem em acontecimentos imprevisíveis e mutações aleatórias. A ciência contemporânea afirma que a aleatoriedade e regularidade no mundo são justamente o que se esperaria para que o universo em evolução seja capaz de explorar todas as

¹⁶ Um belo argumento a favor dessa posição se encontra em HAUGHT, John. *The Promise of Nature*. New York: Paulist Press, 1993.

suas opções e experimentar com a mais completa gama de possibilidades inerentes à matéria. Uma outra área promissora de pesquisa descobriu como sistemas estáveis, com alterações mínimas, encaminham-se para o caos. Porém, em vez de tudo se desfazer, formas de ordem novas, mais ricas, mais complexas e belas surgem à beira da desordem, em sistemas dissipadores abertos. O surgimento de algo genuinamente novo em sistemas complexos auto-organizadores é um dos motores que impulsionou o universo para seu atual estado transitório.

Na abordagem adotada aqui, o Espírito Criador pode ser compreendido como a fonte imanente do novo no universo emergente. A partir de dentro, o Espírito empodera criativamente o mundo em processo, respeitando sua própria integridade e autonomia. Da mesma forma como uma teologia da graça admite que o Espírito não força a vontade humana, assim também uma teologia ecológica admite que o mesmo Espírito divino é graciosamente cortês com a liberdade da ordem natural. Como amor ilimitado atuante nos processos do universo, o Espírito abarca a casualidade de mutações aleatórias e condições caóticas de sistemas abertos. Em outras palavras, Deus é a fonte não só da ordem, mas também da novidade que faz com que o caos aconteça. A criatividade divina está muito mais estreitamente aliada com a de-

sordem do que nossa teologia mais antiga alguma vez imaginou. No universo emergente em evolução, não deveríamos nos surpreender em encontrar a criatividade divina rondando muito de perto a turbulência.

Em uma linguagem mais clássica, Deus não só cria e conserva todas as coisas, mantendo sua existência sobre o abismo do nada, mas também é o fundamento dinâmico de seu devir, empoderando sua autotranscendência para o futuro. Em vez de intervir a partir de fora, o Espírito Criador possibilita a criação contínua a partir de dentro, dotando o universo com a capacidade de se transcender e se tornar o que é novo. O artista o expressa da melhor forma. Escrevendo em seu romance *Report to Greco [Testamento para El Greco]*, Nikos Kazantzakis, autor de *Zorba o Grego*, descreve o dinamismo em operação:

Soprando do céu e da Terra em nossos corações e no coração de cada ser vivo está há um gigantesco sopro – um grande Grito – ao qual chamamos de Deus. A vida vegetal gostaria de prosseguir em seu sono de imobilidade ao lado das águas estagnadas, mas o Grito pulou em seu meio e sacudiu violentamente suas raízes: “Vamos, largue a terra, caminhe!”. Pudessem a árvore pensar e julgar, teria gritado: “Não quero. O que você me força a fazer? Está exigindo o impossível!” Mas o Grito, impiedosamente, continuou a sacudir suas raízes, gritando: “Va-

mos, largue a terra, caminhe!”. Assim gritou durante milhares de anos; veja! como resultado do desejo e da luta, a vida se escapou da árvore imóvel e se libertou. Animais apareceram – vermes – fazendo suas casas na água e na lama. “Estamos bem aqui”, disseram. “Temos paz e segurança; não nos moveremos!” Mas o Grito terrível martelou-se sem piedade em suas entranhas. “Abandonem a lama, levantem-se, procriem melhores que vocês!” “Não queremos! Não podemos!” “Vocês não podem, mas eu posso. Levantem-se!” E veja! depois de milhares de anos, o ser humano emergiu, trêmulo, de suas pernas cambaleantes. [...]

[A enorme luta continua na medida em que os seres humanos continuam a ouvir o Grito. Querendo se acomodar na segurança, mas sentindo o empurrão do futuro, exclamam:]

“Para onde posso ir? Alcancei o pináculo, além é o abismo.” E o Grito responde: “Eu estou além. Levante-se!”¹⁷

O Espírito Criador é o poder atuante de Deus abrindo um futuro no mundo em evolução. Gemendo com a criação, alegrando-se com seu avanço, energizando o mundo graciosamente a partir de dentro, o Espírito

está com as criaturas em sua finitude e morte, sustentando-as em amor redentor e atraindo-as para um futuro imprevisível na vida da comunhão divina. A crença no Espírito da Vida não dá motivos para a complacência ou o desespero. Só para a esperança.

Conclusão

Refletir sobre a imagem da Terra vista do espaço, uma bolita azul em torno da qual redemoinham nuvens brancas, deu origem a um paradigma totalmente novo das relações mútuas entre os seres humanos e a Terra, e entre todos/as nós e Deus. Os/As astronautas que viram isso com seus próprios olhos falam do poder dessa imagem para mudar sua atitude em relação a si mesmos/as e ao mundo. O astronauta saudita Sultan bin Salman al-Saud, que fazia parte de uma tripulação internacional, lembrou: “No primeiro dia, apontamos todos para nossos próprios países. No terceiro dia, estávamos apontando para nossos continentes. No quinto dia, estávamos todos conscientes de que há uma só Terra.”¹⁸ Um outro astronauta,

¹⁷ KAZANTZAKIS, Nikos. *Report to Greco*, p. 291-92, cit. ap. ROBINSON, John A. T. *In the End God*. New York: Harper & Row, 1968. p. 7-8. [Trad. port.: *Testamento para El Greco*. Trad. Clarice Lispector. São Cristóvão/RJ: Artenova, 1975. p. 203-204].

¹⁸ Cit. ap. DOWD, *Earthspirit*, p. 95.

o norte-americano Rusty Schweigert, que caminhou na Lua, tinha isso a dizer: “Vista da Lua, a Terra é tão pequena e tão frágil e um pontinho tão pequeno no universo que você pode tapá-la com o polegar. Então você percebe que naquele ponto, naquela coisinha azul e branca está tudo que tem alguma importância para você – toda a história e música e poesia e arte e morte e nascimento e

amor, lágrimas, alegria, jogos, tudo exatamente ali naquele pontinho que você pode tapar com seu polegar. E você compreende daquela perspectiva que você mudou para sempre, [...] a relação não é mais o que era.”¹⁹ Essas são, verdadeiramente, experiências religiosas. Na reflexão cristã, elas desencadeiam a redescoberta do antigo tema da habitação de Deus no mundo e do mundo em Deus.

¹⁹ Ibid.

Cadernos Teologia Pública: temas publicados

- Nº 1 – *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- Nº 2 – *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- Nº 3 – *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- Nº 4 – *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, O. F. M.
- Nº 5 – *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- Nº 6 – *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- Nº 7 – *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- Nº 8 – *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- Nº 9 – *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- Nº 10 – *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- Nº 11 – *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- Nº 12 – *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- Nº 13 – *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- Nº 14 – *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- Nº 15 – *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- Nº 16 – *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- Nº 17 – *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- Nº 18 – *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- Nº 19 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 20 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 21 – *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- Nº 22 – *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- Nº 23 – *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

- Nº 24 – *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- Nº 25 – *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 – *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 – *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 – *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 – *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 – *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 – *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 – *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 – *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 – *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 – *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 – *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 – *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 – *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 – *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 – *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 – *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 – *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 – *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 – *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 – *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 – *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 – *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 – *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 – *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 – *«Ite, missa est!»: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraudo, SJ



Elizabeth A. Johnson, C. S. J, Ph.D., é professora de teologia nos programas de graduação e pós-graduação da Fordam University, uma universidade jesuíta de Nova York, onde leciona teologia sistemática e teologia feminista. Ela é pesquisadora de teologia sistemática. É ex-presidente da American Theological Society e da Catholic Theological Society. Faz parte do conselho Editorial dos periódicos *Theological Studies*, *Horizons: Journal of the College Theology Society* e *Theoforum*.

Publicações mais recentes:

She Who is: the Mystery of God in feminist the o logical discourse. New York: Crossroad, 1992. Publicação em português: *Aquela que É: O Mistério de Deus no trabalho teológico feminino*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Dangerous Memories: A Mosaic of Mary in Scripture. New York: Continuum International Pub., 2004.

Truly Our Sister: A Theology of Mary in the Communion of Saints. New York: Continuum International Pub., 2003. Publicação em Português: *Nossa verdadeira irmã: Teologia de Maria na comunhão dos santos*. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2006.

Quest for the Living God: Mapping Frontiers in the Theology of God. New York: Continuum Publishers International, 2007.